



Síntese do GT 7 - Feminismo, Agroecologia e Soberania Alimentar

Verônica Santana¹; Hélène Guétat-Bernard²; Andrea Butto³

¹ Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste - MMTR-NE;
² EHESS Paris, Social Sciences Department, French Institute of Pondicherry, India, Umifre 21 - CNRS-MEAE; ENSFEA, UMR CNRS LISST - Toulouse University, France;

³ Departamento de Ciências Sociais da UFRPE-Laboratório de Estudos Rurais UFPE.

Na sessão temos uma diversidade de instituições representadas: organizações da sociedade civil, instituições federais de ensino do Nordeste e Sudeste do país, e a presença de universidades estrangeiras da América Latina e da Europa.

A sociedade civil está representada pelo Centro Sabiá e o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste. Dentre as instituições de ensino superior das regiões supracitadas temos a participação do Nordeste com cinco instituições de quatro estados: O Laboratório de Estudos Rurais do Programa de Pós-graduação em Sociologia e o Departamento de Nutrição da Universidade Federal de Pernambuco, o Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco, o Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, Universidade do Sertão do São Francisco e da Universidade Estadual da Bahia. Do Sudeste tivemos a presença do Mestrado em Estudos Rurais Universidade dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

A participação de instituições estrangeiras da América Latina com a Universidad Nacional del Camahue da Argentina, e da Europa com a Espanha, representada por duas instituições: o Programa de Pós-Graduação em Agroecologia da Universidade Internacional de Andalucía, o Departamento de Economia e Estatística da Universidade de León e o Departamento de Economia Aplicada de Sevilla.

São artigos com autoria diversa – individual, mas também coletiva. Alguns resultam do trabalho de alunos de mestrado e de pesquisa pós-doutoral, outros também de projetos de Extensão Universitária e projetos interinstitucionais de pesquisa de professores. Mas também envolve técnicos e agricultoras integrados em projetos de pesquisa e de extensão.

Quanto às temáticas e categorias abordadas nesta sessão, analisam-se comunidades de Fundo de pasto, entendidas aqui como uma organização social que articula o uso de áreas individuais e coletivas para atividades de criação animal, agricultura e extrativismo, relações de parentesco e compadrio, com trocas de trabalho por reciprocidade e, busca-se compreender a relação com os quintais e suas variadas denominações, entendido como o lugar da produção e do cuidado com a saúde e a alimentação das famílias, a partir do trabalho das mulheres e a partir do uso de estudos etno-ecológicos, que aliam a conservação da diversidade biológica e o fortalecimento de modos de vida sustentáveis e a valorização das mulheres, também analisa-se e mapea-se o uso e o manejo dos recursos naturais em quintais produtivos em Fundo de Pasto no contexto do bioma da caatinga no Semiárido.



Descrevem-se as transformações históricas da Patagônia Norte da Argentina, os processos de despejo dos povos originários, a ação legitimadora do Estado, e as resistências das mulheres.

Vários trabalhos abordam as relações de gênero envolvidas com as sementes. Alguns tem essa temática como reflexão principal e outros como um dos temas de pesquisa. Encontramos uma análise do protagonismo feminino no processo de cultivo, guarda e multiplicação das sementes crioulas no território do Alto Sertão de Sergipe, a partir da compreensão das redes de distribuição e acesso aos alimentos, a interação com o território, os saberes tradicionais e as dinâmicas sociais envolvidas na transmissão de conhecimentos referentes às práticas alimentares e aos cuidados de saúde. Descrevem-se experiências das mulheres em casas comunitárias de sementes e o lugar de guardiãs que exercem desse patrimônio genético, no caso do Alto Jequitinhonha analisam-se os saberes das mulheres guardiãs de sementes sobre plantas alimentícias e medicinais, práticas agroecológicas que promovem a soberania alimentar dessas agricultoras. Também encontramos uma reflexão sobre o tema a partir da verificação das dificuldades de reconhecimento das comunidades e de si próprias no trabalho de preservação das sementes crioulas, a partir das pesquisas apresentadas sobre soberania alimentar e o feminismo no Agreste Setentrional e Sertão do Vale de São Francisco em Pernambuco.

Por fim entre os trabalhos, também há uma rica reflexão sobre experiências de formação feminista junto a agricultoras e seu papel numa organização mista que realizam trabalhos de assessoramento técnico junto a agricultoras. Apresentam-se aqui os impactos da formação junto às próprias agricultoras na produção e do consumo no contexto do semiárido: os desafios para a geração de renda e estratégias de gestão econômica das mulheres, a identificação dos canais de comercialização, e o maior reconhecimento das desigualdades de gênero e da violência contra as mulheres.

Ao analisar o modo pelo qual os dados foram descritos, instrumentos de coleta de dados utilizados, descrição de aspectos gerais da realidade local-regional, bem como a descrição dos aspectos específicos da situação, podemos perceber uma grande variedade de estratégias de pesquisa.

No caso da análise dos quintais produtivos no contexto das comunidades de fundo de pasto, encontramos uma descrição da região semiárida com um histórico e caracterização socioeconômica, a existência de cooperativas da agricultura familiar e sua parceria com a L'occitane Brasil, o processo participativo da pesquisa com mulheres integrante de associações, grupos e organizações não governamentais que prestam assessoria técnica. Para a coleta de dados, realizada a partir de visitas técnicas às comunidades e oficinas de mapeamento participativo, foi acionado o uso de georeferenciamento com aparelho GPS e uso de Drones e, em seguida, o tratamento dos mapas gerados em laboratório de geoprocessamento com a finalidade de identificar os usos e caracterização física do território. Também foram utilizadas perguntas para entender a organização dos quintais e o desenho da organização de um quintal padrão da comunidade - denominados de mapas mentais – que foram posteriormente consolidados



no laboratório de georeferenciamento a fim de gerar os mapas definitivos contendo a localização dos quintais.

O trabalho de pesquisa que se debruça sobre a Patagônia Norte da Argentina, descreve o contexto de despejo das comunidades originárias, o modelo agroexportador que se consolidou na região e suas distinções frente às áreas húmidas dos pampas. Uma região que se desenvolve a partir de imigrantes europeus e, mais tarde, é afetada pela descoberta do Petróleo, tendo um novo fluxo populacional ingressando no território com a chegada de migrantes internos levando a comunidade de Añelo se transformar numa “vaca Morta” após 4 anos de presença de empresas transnacionais. Este também discute a ação governamental com políticas mitigadoras fundadas a partir de um discurso “ecológico”.

O artigo que nos apresenta uma descrição do Vale do Catimbau, uma área de conservação ambiental localizada no município de Buíque no Estado de Pernambuco, realiza uma apresentação parcial dos resultados da pesquisa, realizada a partir da observação participante e da coleta de dados, realizada com base nas interlocuções informais, entrevistas não-diretivas e relatos de história oral. Analisa a composição do cardápio da merenda oferecida na escola e a relação com as atividades em sala de aula. O objetivo é observar as práticas alimentares apreendidas pelas crianças e suas interfaces com hábitos familiares, entender hábitos nutricionais locais e a dinâmica de transmissão de conhecimentos e de práticas alimentares.

O trabalho sobre as Guardiãs de sementes promove a pesquisa a partir da observação, aplicação de entrevista semiestruturada e registros fotográficos realizados no encontro estadual dos guardiões e guardiãs das sementes da liberdade. No caso da análise no Alto do Jequitinhonha, coletam-se depoimentos de mulheres envolvidas com as práticas de guardiãs de sementes agricultoras, que integram a experiência e também participam da formação acadêmicas em cursos superiores, e outras que integram experiências associativas.

As reflexões sobre a experiência de formação Feminista, que resultou de uma chamada de Assistência Técnica de Extensão Rural, realizadas pelo Centro Sabiá e o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste, foi desenvolvida em três fases distintas: preparação de roteiro de entrevista, preparação do trabalho de campo e, análise dos dados. Foram entrevistadas agricultoras participantes da escola feminista, a partir de uma seleção atenta à maior diversidade de representação por município e a divisão equitativa por faixa etária - estratégia acionada para garantir a heterogeneidade dos discursos na percepção das realidades e das experiências distintas em interação.

A pesquisa *Gênero, soberania alimentar e feminismo no agreste e sertão do Estado de Pernambuco* foi realizada a partir de parcerias com núcleos de agroecologia, associações, sindicatos e movimentos de mulheres. Os dados coletados a partir de entrevistas com agricultoras e órgãos públicos e uma descrição socioeconômica dos territórios investigados.



Quanto às linhas teóricas dos trabalhos apresentados, podemos perceber que o trabalho, cujo objeto de pesquisa são as comunidades de Fundo de Pasto, toma as contribuições da etnoecologia para compreensão dos saberes das populações humanas, e para contribuir com debates científicos que aliam a conservação da diversidade biológica e o fortalecimento de modos de vida sustentáveis. As suas autoras articulam este campo de reflexão com a valorização do papel das mulheres e também recorrem às contribuições da Etnobiologia.

A pesquisa realizada na Patagônia Argentina se respalda nas reflexões sobre a chamada acumulação originária, apresentada por Silvia Federici, para abordar o sujeito mulheres no acesso à terra numa região com forte presença de empresas transnacionais e a interação com os processos de globalização em curso. Também com referência em Bendini e Steimbregger (2006) chamam a atenção aos processos de concentração e transnacionalização materializados no surgimento e na reorganização e operação de empresas globalizadas que impactam regiões e a estrutura agrária das comunidades rurais, o mercado de trabalho e processos de legitimação política que geram políticas compensatórias de caráter mitigador. Com base nas contribuições do feminismo, comunitário ou popular, propostas por Claudia Korol e Francesca Gargallo, as autoras defendem a possibilidade deste debate para uma aproximação da enorme diversidade de formas de vida das mulheres rurais da América Latina. Com uso da categoria "comunidade" e sua associação ao trabalho de cuidados -uma tarefa desqualificada como "doméstica" defendem este trabalho como um valor cultural imprescindível para a ecologia.

As análises empreendidas sobre o Vale do Catimbau tomam por base as contribuições da antropologia e da nutrição e, em particular, uma bibliografia sobre alimentação com viés antropológico que podem ser encontradas nas reflexões de Ana Maria Canesqui, Rosa Wanda Garcia e Maria Cecília Minayo e na análise das redes de distribuição de alimentos e sua interferência nas práticas de consumo alimentar conforme análises desenvolvidas por Almeida, Niederle, Vezzani, Cavalcantie Dias, Wilkinson

A análise sobre o papel das mulheres e as sementes nos trabalhos discutem o lugar de guardiãs, tomando como referência Olanda (2015), que chama a atenção para a necessidade de orientar a população sobre erosão, contaminação, perda e apropriação indevida de sementes, da cultura e do conhecimento contido nas mesmas, bem como reconhecer a existência de sujeitos que possuem conhecimentos práticos dos ciclos naturais, técnicas de plantio, cuidados, colheita, conservação de sementes e conservação dos bens comuns.

Articulam essa reflexão com as mulheres, a partir das reflexões encontradas em Grisa e Schneider (2008), e constata que as mulheres são a maioria na prática de guardar sementes e exercem um papel fundamental no resgate, conservação e troca de sementes crioulas e na produção agroecológica.

A noção de Soberania Alimentar está presente em vários trabalhos. Alguns se valem das contribuições de Fernandes 2008, que associa o termo ao direito de cada nação em manter e desenvolver a



sua própria capacidade para produzir os seus alimentos, respeitando a diversidade cultural, produtiva e da natureza. Nesta sessão também encontramos trabalhos com foco na análise da Segurança Alimentar e Nutricional conceito definido segundo a lei do direito humano à alimentação.

A relação das mulheres com a soberania alimentar é discutida com base das contribuições de Siliprandi 2009, que promove uma reflexão sobre a escolha das sementes e das formas de cultivos como sendo parte de um processo na direção da soberania alimentar, assim como a diversidade de cultivos - um dos pilares na produção de alimentos saudáveis - em sinergia com a conservação do meio ambiente e dos recursos naturais, mas também a partir da perda da soberania alimentar e à usurpação dos saberes tradicionais, tal como descrito por Silvia Federeci (2017) no período da idade média e na modernidade.

O trabalho que discute Soberania alimentar e feminismo agreste e sertão apresenta uma reflexão também importante que se associa a disputas de modelo de agricultura com a reflexão sobre a modernidade tardia apresentada por Hartmut Rosa (2013), onde discute-se a aceleração social do tempo e do ritmo de vida e a tendência de preenchimento desse novo tempo por novas atividades, que resultam na sensação de ter menos tempo para si e uma petrificação da vida (sensação de não ter tempo para nada). Partindo dessas reflexões observa-se como as populações rurais investigadas não foram poupadas desses fenômenos característicos da urbanidade, com a modernização da agricultura, que se adequa ao mercado, o tempo passa a ser regido pelo ritmo e pelo tempo das cidades. Trabalho de *care* requer tempo e disponibilidade, esse tempo para as mulheres pode ser de cura, de prazer mas o tempo “gasto” pode faltar em outras tarefas domésticas porque permanece desigualmente distribuído

Há uma importante contribuição ao debate sobre a soberania alimentar e a agroecologia. Podemos analisar estas contribuições a partir dos próprios conceitos lançados para definir a agroecologia e a sua relação com o feminismo, mas é claro que as articulações ganham pesos e formas distintas nos trabalhos apresentados.

A partir de Guzmán e Molina 2005, apresenta-se a agroecologia como uma forma de manejo dos recursos naturais vinculada aos agrossistemas locais e específicos de cada zona, utilizando um conhecimento do entorno condicionado pelo nível tecnológico de cada momento histórico e o grau de apropriação de tal tecnologia. A agroecologia também é apresentada a partir das contribuições de Ana Primavesi no seu manual do solo vivo, nele a autora discute a relação entre o solo saudável, alimentos com energia vital e saúde dos humanos.

O agroecologia, a partir do feminismo, está presente nas pesquisas apresentadas desde sua defesa nas suas múltiplas dimensões (Sevilla e Guzmán 2006), assim essa compreensão articula o feminismo como teoria crítica e movimento social (Siliprandi 2015) relacionado à agroecologia como uma análise e prática em processo de construção (Zualaga e Siliprandi: 2018), então apresenta-se a agroecologia como um projeto alternativo, em que a consciência para a superação do antropocentrismo e do etnocentrismo são



constitutivos, e se reconhecem as dificuldades para incorporar o feminismo a fim de superar o viés androcêntrico e a dominação das mulheres (Perez Neira e Soler:2013). A partir das reflexões encontradas no artigo Soberania alimentar e feminismo agreste e sertão... encontramos um alerta para a agroecologia como um campo que pode prover tanto propostas inovadoras como também gerar novas ciladas e contradições, bem como reforçar papéis e espaços tradicionalmente atribuídos as mulheres (Guetat-Bernard e Prévost: 2014)

Em vários trabalhos problematiza-se essa dificuldade, a partir da percepção do trabalho das mulheres como “ajuda”, assim como podemos encontrar na problematização da sociologia do trabalho e na sociologia rural conforme descrita por Maria Ignez Paulilo (1976), bem como na divisão sexual do trabalho que separa e hierarquiza o trabalho nas sociedades.

Os trabalhos apresentados indicam várias conclusões, mas também suscitam outras questões para uma reflexão no grupo:

1. Ao pesquisar o espaço das mulheres, a biodiversidade e as comunidades de fundo de pasto, se conclui que os quintais, em suas distintas denominações, tendem a ser individuais mas também compartilhados por mais de uma família com algum grau de parentesco o que indica a relação entre territorialização e patrimônio familiar, indica também um protagonismo das mulheres na conservação de espécies nativas da Caatinga e na garantia da soberania alimentar das famílias;
2. A pesquisa na Patagônia Norte da Argentina indica como a atuação governamental do território investigado reconhece atividades afetadas pela atuação de empresas transnacionais extrativistas do petróleo na região, e como, para mitigar os seus efeitos, implementam políticas compensatórias sob uma pretensa “inspiração ecológica” de pequeno alcance e de forma descontínua. Tratam-se de programas que objetivam a promoção da “diversificação produtiva”, questionam a origem mapuche e vociferam as vantagens da atividade petroleira sob o discurso dos postos de trabalho gerados e o rigoroso controle ambiental que realizam.
3. A reflexão apresentada sobre a experiência da escola feminista destaca o empoderamento político das agricultoras participantes, a problematização da divisão sexual do trabalho. A escola também evidenciou práticas da violência contra as mulheres na família, a ausência de processos de auto-organização, além das dificuldades para a participação política. Mostra como a noção de agricultura familiar invisibiliza conflitos e tensões existentes e como a agroecologia, enquanto novo paradigma, deve adotar metodologias que não neguem os conflitos, revelem as disparidades da divisão sexual do trabalho na família, a percepção do trabalho das mulheres como "ajuda" e sem a devida valorização exercido, ficando, este, subordinado ao trabalho dos homens que podem ser



compreendidos a partir dos chamados dualismos opressivo: a divisão público privado, o produtivo e o reprodutivo em relação ao masculino e feminino (Puleo:2005). A pesquisa também mostrou avanços no campo da produção e consumo em processos de transição agroecológica e da autonomia econômica das mulheres. Quanto às recomendações da escola para as organizações de assessoria de composição mista, há poucas reflexões. Encontramos apenas uma referência à possibilidade de partir do bom uso das informações para gerar um salto de qualidade na atuação das mesmas, também indica a mudança na composição sexual da equipe da organização que é descrita em favor das mulheres, mesmo que num período maior do que o analisado permite perceber que a curva de crescimento se manteve estável no período que envolveu a realização da escola de formação feminista.

4. A pesquisa no Vale do Catimbau permitiu verificar que a alimentação consumida é orientada pela cultura regional, mas com forte dependência de abastecimento de alimentos das áreas urbanas locais ou de áreas rurais de outras regiões do Estado de Pernambuco. Mostra também como a ausência de uma produção agroecológica restringe as possibilidades de garantia da soberania alimentar. Indica também a existência de atividade extrativista do umbu e do Ouricuri, alimentos do ecossistema ainda pouco integrados aos hábitos alimentares locais que apresentam relevante valor nutricional. Destaca os conhecimentos locais de plantas nativas que são socializados oralmente e a potencialidade de superação destas dificuldades a partir da diversidade de alimentos que podem ser produzidos a partir dos frutos da caatinga. Saberes situados geograficamente que sintetizam condições de vida específicas e poderiam se transformar num patrimônio imaterial local e, especialmente entre as mulheres que, segundo sugere a autora, exercem função de resguardo e transmissão desses conhecimentos.
5. As reflexões sobre as práticas das Guardiãs de sementes nos indicam a riqueza dos momentos de troca, como compartilhar práticas e desafios que afinam discursos e conceitos sobre as sementes crioulas. Também revelam que a ideia de adaptação das sementes à região semiárida, a transmissão familiar dos conhecimentos sobre as sementes, e o valor afetivo nos cuidados das sementes, são chaves para entender essas práticas. Há, no entanto, que se problematizar a nomeação das atividades agrícolas das mulheres que a pesquisa apresenta sobre a como sendo o trabalho de cuidados com as “miudezas” (ervas medicinais, fruteiras, hortaliças, plantas ornamentais).



6. A pesquisa sobre as sementes no Alto Jequitinhonha indica práticas de solidariedade camponesa entre mulheres, a exemplo da troca de dias de trabalho, os saberes das agricultoras sobre o solo, sementes e produção de alimentos. Revelam como estes saberes geram autonomia das mulheres e no papel que desempenham na garantia da segurança alimentar pelas variedades plantadas e coletadas. Mostram como as Casas de sementes são uma estratégia que contribui para valorizar o conhecimento dos povos e comunidades tradicionais sobre as plantas, e fortalecimento da autonomia das comunidades a partir do conhecimento e do trabalho das mulheres. Destacam como a conservação das sementes, um trabalho realizado pelas mulheres, não pode ficar invisibilizado no contexto das atividades reprodutivas ou das atividades realizadas nos quintais e entorno das moradias, valorizar esses saberes é uma estratégia de reconhecimento da história das mulheres para a construção de uma agricultura e saúde agroecológica. A menção à divisão sexual do trabalho, com a descrição do trabalho “pesado” realizado pelos homens no preparo da terra de um lado, e os plantios no berço e a capina das culturas realizado pelas mulheres, por outro, necessitaria de uma melhor na análise.

7. As pesquisa sobre soberania alimentar e feminismo no agreste e sertão de Pernambuco, descrita a partir de dois trabalhos aqui apresentados, revela a influência dos ciclos familiares, as conexões existentes espaços urbanos e rurais, a exemplo da sucessão da terra, e a importância de analisar as tensões de gênero na família com a destinação e uso da terra, a falta de reconhecimento das mulheres e de si mesmas como guardiãs de sementes e a sobrecarga com o trabalho de cuidados. Também destaca a importância das relações de solidariedade entre as mulheres, que ficam sozinhas, pelos cuidados da família, pela migração dos homens e pelo surgimento de processos de auto-organização política e econômica e pelo protagonismo das mulheres nas alternativas gestadas. Assim como tem sua importância para enfrentar as restrições de acesso à água a partir das tecnologias sociais, nos cuidados com a saúde a partir do aparecimento das doenças, que resultam da industrialização da alimentação pelo manejo das ervas medicinais. Por fim a pesquisa alerta para os ganhos obtidos com a agroecologia pelos novos questionamentos gerados com a sua introdução, mas também os riscos da renaturalização ou do reforço de relações de dominação, e por esse motivo chama atenção para a necessidade da agroecologia permanecer como abordagem reflexiva